

“É DELA. É PRA ELA.” UM ESTUDO DE REPERTÓRIOS SOBRE PATERNIDADE: O QUE OS HOMENS PAIS (NÃO) LEVAM NA “BOLSA DA MATERNIDADE”?

Patricia Vitória Bezerra Caetano¹; Jorge Lyra ²

¹ Estudante do Curso de Psicologia – CFCH – UFPE; pativitoriacetano@gmail.com;

²Docente/pesquisador do Depto de psicologia – CFCH – UFPE; jorgelyra@gmail.com.

Sumário: Este artigo trata de um estudo exploratório sobre repertórios de homens pais e a produção de sentidos sobre vivências da paternidade, a partir de um olhar feminista sobre as questões de gênero que perpassam as práticas discursivas. O objetivo geral é identificar os sentidos construídos sobre paternidade, em relatos de experiência dos momentos que antecederam a chegada à maternidade e o parto. A análise deu-se através da realização de um grupo focal com 12 homens pais, da cidade do Recife/PE. As falas destacadas são de um momento da dinâmica, no qual os participantes falam sobre uma bolsa com objetos pessoais que devem levar ao hospital, na ocasião do trabalho de parto. De maneira que a bolsa nos serviu de metáfora para analisar os sentidos construídos, impressos neste elemento corriqueiro. Os resultados apresentam conteúdos de atribuições características para mulheres, presentes no repertório dos participantes como posicionamentos. Através da dialogia das vozes presentes na interação, consideramos que o que dizem os pais sobre o evento do parto, incluindo pré e pós-parto, apresenta elementos de sentidos por vezes contraditórios, que podem contribuir para uma experiência de abstenção da participação nesta experiência, aspectos de desigualdade de gênero que influenciam suas experiências como pais.

Palavras-Chave: Gênero; grupo focal; paternidade; repertórios; sentidos;

INTRODUÇÃO

Apesar do conhecimento da Lei Federal 11.108, a qual garante à gestante livre escolha do acompanhante no pré-parto, parto e pós-parto imediato, pelos profissionais de saúde, segundo pesquisa realizada pelo Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades e o Instituto Papai, o descumprimento é sistemático. As maternidades justificam a negação da presença do pai com o fato das instalações não contarem com estrutura física favorável ao conforto e privacidade de outras mulheres que possam compartilhar uma mesma enfermaria.

O Ministério da Saúde (MS), em consonância com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), buscou, no ano de 2009, desenvolver e divulgar diretrizes que fortalecem as redes de serviços e cuidados relativos à saúde do homem. O documento traz linhas temáticas como a de “direitos sexuais e reprodutivos” que chama a atenção para a necessidade de desconstruir a responsabilidade total da mulher para a contracepção, bem como outras experiências com filhos e filhas. O texto deste documento defende o direito dos homens a vivenciar a paternidade como desejam, inclusive no acompanhamento da gravidez, no pré-parto, parto e pós-parto (BRASIL, 2009a).

O projeto *Paternidade e cuidado nos serviços de saúde*, projeto “guarda-chuva” da presente pesquisa, objetiva desenvolver estratégias para a inserção dos homens nos serviços de assistência pré-natal e obstétrica em USF’s e maternidades da cidade do Recife,

considerando que a gravidez e parto também é uma vivência do pai, vivência esta que vem se transformando ao longo do tempo em direção a formas de paternidade mais efetivas.

O presente estudo exploratório, sendo fomentado e contribuindo para o objetivo do projeto maior, faz-se fundamental para a problematização sobre as produções de sentido que perpassam as diversas formas de vivenciar a paternidade, sobre o que faz parte dos repertórios de homens acerca de sua experiência como pai. Trata-se de um estudo sobre repertórios de homens pais e a produção de sentidos sobre vivências da paternidade, a partir de um olhar feminista sobre as questões de gênero que perpassam as práticas discursivas.

Desta forma, identificamos a relevância de um gesto (a organização da bolsa da maternidade) que pode estar repleto de sentidos, se analisarmos criticamente, sob o olhar da Psicologia Social, considerando que a dialogia das falas é uma prática social e que nesta se constrói posicionamentos. Tais posicionamentos ajudam a “naturalizar” concepções de masculinidade ou podem romper com uma tradição opressora.

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar os sentidos construídos por homens pais sobre paternidade, expressos em relatos de experiência dos momentos que antecederam a chegada à maternidade e o parto.

Os objetivos específicos são: 1- analisar os repertórios de pais, participantes de um grupo focal, produzidos sobre o momento de arrumar e levar a bolsa que vai para a maternidade com pertences da parturiente e do bebê; 2- Identificar posicionamentos destes homens, que possam caracterizar positivamente ou não a participação do pai no pré-parto.

METODOLOGIA

Concebemos a metodologia de pesquisa para além do conjunto de métodos, vivenciamos a metodologia desde a formulação da pergunta e reflexão sobre o problema de pesquisa até a análise e interpretação dos dados produzidos em campo. Desta forma, Mary Jane Spink e Maria Helena Lima (2013) ampliam o olhar sobre produção e apresentação de resultados advindos do método científico. Não se trata de uma ruptura com a racionalidade na interpretação. A racionalidade deve contribuir em paralelo à interpretação, na medida em que garante a atenção ao passo-a-passo da conversação, suas regras, para ser possível o diálogo entre a pesquisadora e seus interlocutores. Dar visibilidade ao processo permite o rigor da análise (SPINK e LIMA, 2013.p. 79).

Os participantes da pesquisa foram 12 homens pais com idades entre 30 a 49 anos, residentes do bairro Brasilit, na cidade de Recife, que foram convidados para a pesquisa através da associação de moradores da Brasilit, em nome do Instituto Papai. Com a facilitação de dois pesquisadores, que compõem o Núcleo Feminista de Pesquisa em Gênero e Masculinidades, foi realizado um grupo focal que abordou temas sobre homens, paternidade, cuidado e saúde.

O grupo focal (GF) foi realizado na sede da associação de moradores, em um único encontro, no qual a dinâmica foi introduzida pelo moderador com a exposição de uma situação-exemplo, com o objetivo de disparar a discussão no grupo. Ao longo das discussões o moderador abordou questões pertinentes à pesquisa, aproveitando os conteúdos que emergiam das falas dos participantes.

A análise utilizou as contribuições de Mary Jane Spink (1999) sobre práticas discursivas e produção de sentidos. Segundo a autora, práticas discursivas são “as maneiras pelas quais as pessoas, através da linguagem, produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas”. As práticas discursivas constituem-se de três partes: a dinâmica, que são os enunciados; as formas, que podem ser mais ou menos fixas; e o conteúdo, que são os repertórios linguísticos. Estes últimos possuem imensa diversidade e

não são aprendidos de maneira formal e sim no cotidiano em contextos igualmente diversos.

A análise se concentrou em um trecho da transcrição do GF, no qual os participantes falam sobre o momento de levar a companheira, em trabalho de parto, ao hospital e mencionam o elemento que veio a ser a metáfora que desenvolvemos para “contar a história” (P. SPINK, 2003) do envolvimento dos homens pais nas suas experiências de paternidade, na experiência com a bolsa da maternidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificamos dois momentos distintos, no diálogo sobre a bolsa. Distintos porque, guiados pela fala do mediador, no primeiro momento os participantes foram perguntados sobre questões práticas, no segundo momento o mediador levou uma provocação ao grupo, a fim de questionar seus posicionamentos. No primeiro momento, as falas aconteceram em três eixos de posicionamento: o de quem acredita de que essa é uma atribuição da mulher; o de quem responde que objetos devem ir na bolsa; e o de quem demonstra não ter refletido sobre isto antes. O posicionamento dos homens parecem bem definidos, quanto ao que são suas atribuições, neste caso, a atribuição de organizar a bolsa não é deles, e sim, de providenciar a chegada das mulheres ao hospital.

Em um segundo momento ficou nítida a mobilização dos participantes, com a introdução da questão da bolsa, os conteúdos destacaram convergências e discordâncias, quanto aos posicionamentos. O grupo mostrou-se inquieto, desenvolvendo conversas paralelas sobre o tema. E a discussão tornou-se mais intensa quando o mediador assumiu o papel de provocar reflexão sobre os posicionamentos até então expressos, potencializando o debate.

A desigualdade de gênero recai sobre os direitos reprodutivos em forma de opressão aos homens, quanto à expressão e exercício de afeto e cuidado, ao passo que relega às mulheres todas as práticas de cuidado relativas às crianças, especialmente às crianças pequenas e bebês. O rompimento com esta tradição de atribuições ditas femininas e atribuições ditas masculinas tem acontecido no sentido de reconhecer nos homens o desejo e na sociedade o direito de exercerem a paternidade.

CONCLUSÕES

A evolução da concepção de paternidade como desejo e direito, assim como a evolução da concepção da presença dos homens nos serviços de saúde, tem nos mostrado rupturas no modelo hegemônico de práticas reprodutivas e de cuidado protagonizadas pelos homens. Contudo, a produção de sentidos, no que se refere ao lugar do homem neste processo, encontra embates entre o desejo, e até demandas pragmáticas, de ser homem, pai, diferente do que aprenderam e os ditames tradicionais construídos ao longo da história sobre o pai provedor e forte, suporte financeiro e equilíbrio emocional para a mulher.

Utilizamos a abstenção de organizar a “bolsa da maternidade” como metáfora para visibilizar uma prática repleta de sentidos, presente nas experiências destes homens pais. Para eles, cada objeto contido nela pertence à mãe ou ao bebê, de modo que ele desconhece, muitas vezes, o que exatamente há dentro dela, mas acredita que, seja o que for, nada é seu. O que eles levam na “bolsa da maternidade”, quando levam, são coisas que não são suas. Assim como a gravidez, o parto, o lugar de acompanhante no hospital.

Um estudo como este, que buscou analisar repertórios e produções de sentidos acerca da experiência da paternidade, sob a perspectiva feminista de relações de gênero e com o desenho metodológico que se utiliza do instrumento do grupo focal representa o nosso intento de lançar questões à produção multidisciplinar do conhecimento, acerca da

diversidade de paternidades, concepções de paternidade, e o que há nelas de liberdade para as pessoas existirem em suas experiências. Assim como o que há de prescritivo no campo do direito, da práxis e da cultura, em relação à paternidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao PIBIC/CNPq, pelo apoio na execução deste projeto, e ao GEMA/UFPE, pela produção coletiva relativa à pesquisa ampla e a este subprojeto.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e Diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009^a.
- LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 16, p. 809-840, 2008. - <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05>.
- SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: Uma abordagem teórica, metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.
- SPINK, Mary Jane; LIMA, Helena. Rigor e Visibilidade. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.
- SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: Uma abordagem teórica, metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.